



587

## A UNIVERSIDADE E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR REFLEXIVO

Lânica Moreira Borges Resende<sup>1</sup> (UEG – Câmpus Inhumas)

### GT3 - Formação de Professores

#### Resumo

O presente artigo tem por finalidade discorrer sobre a relação sócio-histórica existente entre a universidade e formação docente, destacando a importância de ambas na constituição do conhecimento, sendo evidenciado o processo para a construção do mesmo. Apontando o contexto, características e conceitos que definem a universidade e a formação docente, ressaltando os pontos relevantes para a presente discussão. A pesquisa incumbir-se-á também de apontar as divergências existentes entre o papel da universidade, tida como instituição social, e a metodologia efetivada na formação docente. Mencionando a prática refletida, e não meramente a reprodução, como contribuinte para amenizar a passividade do sujeito no seu próprio processo de aprendizagem. Consideraremos que a educação perpassa os muros da universidade. Muitas vezes os alunos adentram na instituição sem senso crítico, cabendo ao educador desenvolver a criticidade nos futuros educadores. Constituindo uma troca contínua de experiências, uma vez que, os alunos serão professores em um futuro próximo. Assim, enfatizando que a educação de qualidade não se faz somente com professores e administradores, mas também com alunos conscientes da sua função de refletir sobre o aprendido e mediar futuros estudos e práticas. Portanto, teremos como foco a postura dos professores, tidos como agentes ativos, aptos para o diálogo significativo na formação dos futuros educadores, assim como dos discentes, mediante as imposições resultantes do processo histórico-social. A universidade ganhará destaque, pois, é o ambiente que proporciona a dialética entre professores e alunos, a troca de experiências, relatos significativos e o avanço teórico e prático necessário para a formação acadêmica de qualidade. Para tanto teremos a colaboração teórica de autores como: Dourado (2001), Libâneo (2000), Pimenta; Ghedin (2012), Freire Faundez (2011), Luckesi (2000) e outros que abordarem contribuições pertinentes para a discussão.

**Palavras-chave:** Universidade. Ensino. Reflexão. Professor.

#### Introdução

A universidade assume papel importante na formação docente, cabe aqui discorrer brevemente sobre os caminhos percorridos para que alcançássemos essa configuração. Para tanto, aborda o surgimento, características e modificações sofridas pela universidade e

---

<sup>1</sup>Lânica Moreira Borges Resende, Pós-graduanda em Docência Universitária. Universidade Estadual de Goiás (UEG), E-mail: lanicarende@gmail.com



588

consequentemente no ensino. Considerando os fatores históricos e socioculturais, mencionando a forte influência do modelo neoliberal na constituição curricular e nas ações desenvolvidas pelos docentes e líderes institucionais, algumas vezes modificando o conceito atribuído à universidade. Atentando prioritariamente para o papel significativo da universidade como instituição social, em prol de contribuir com a autonomia e reflexão, assim como para a importância dos docentes vistos como atores acadêmicos.

Assim, guiados por essas considerações, chegamos ao ponto crucial desta pesquisa, a reflexão. “Todo ser humano reflete. Alias, é isso que o diferencia dos demais animais. A reflexão é atributo dos seres humanos. Ora, os professores, como seres humanos, refletem”. Pimenta; Ghedin (2012, p. 22)

Nessa perspectiva, fica evidente que a reflexão é atributo de todo ser humano, mas a reflexividade inerente aos educadores em suas ações pedagógicas, é mais complexa e exige investigação.

Visto como um empecilho para a intencionalidade de promover a reflexão, temos a curricularização do ensino. As mudanças históricas, sociais e econômicas acarretaram em avanços que contribuíram para a fragmentação do conhecimento.

Essa fragmentação perdura nos dias atuais, e é fruto de interesses privatistas e das classes dominantes. Ao educador, nessa perspectiva, fica o papel de “seguir” o que lhe foi proposto e de maneira tradicional. Cabe a ele, opor-se e adaptar suas ações pedagógicas para diminuir o mínimo que seja essa fragmentação e imposições.

De acordo com Arroyo (2000) a cultura escolar tende a curricularizar os saberes sociais, relações e até ciclo de desenvolvimento. É mais fácil e atraente administrar carteiras, materiais, crianças, mestres e cargas horárias. O mais fácil nem sempre é o mais pedagógico. Educandos e educadores tratados como números. As normas coisificam as pessoas e desfiguram identidades e diversidades humanas e pedagógicas.

Percebemos claramente que o caminho para a desfiguração do tradicional e do alienante é o mais complexo, exigindo um preparo didático resultante de uma formação contínua. A curricularização por sua vez, torna o trabalho do educador mais fácil, porém não capacita os alunos para a autonomia e criticidade.

O docente reflexivo poderá contribuir para a formação do discente, visando à



589

amenização da submissão por meio de práticas inovadoras, contando com o diálogo aberto e conciso, tendo o professor como mediador e não como detentor da verdade. Para tanto, o caminho é complexo e árduo, foge a essa facilidade pedagógica.

### **Retomada à constituição da universidade e do ensino**

Segundo Maria Isabel (2012) durante a Idade Média na universidade tinha-se aulas magistrais caracterizadas pelo enclausuramento de professores e alunos. A estrutura curricular contava com trivium (gramática, retórica e lógica) e quadrivium (aritmética, geometria, astronomia e música). Já havia indissociabilidade entre ensino e pesquisa e a produção interdisciplinar. Nos séculos seguintes não adequou-se a modernidade e seguiu zelosa da preservação e transmissão da cultura e da ciência.

Ainda segundo a autora, as mudanças efetivaram-se no início do século XIX com o advento do Modelo napoleônico e o Modelo humboldtiano. Essa nova fase mencionada favoreceu o desenvolvimento de novas ciências e especializações, reconfigurando-se de acordo com as transformações históricas, econômicas e sociais. Na segunda metade do século XX, surge a pós-modernidade ou era da supercomplexidade, conceitos responsáveis por características da universidade contemporânea.

Nessa perspectiva, amplia-se no Brasil o número de instituições de ensino, podendo ser elas públicas ou privadas. Criadas sob o discurso de liberdade de escolha para os sujeitos, que assim poderão optar por uma das instituições. Advertindo sobre o real motivo da expansão e interiorização da universidade Dourado (2001) alega que a expansão das instituições de ensino, combinada ou não, resulta na ampliação de vagas, mediante também a privatização deste nível de ensino. Nem sempre a expansão resulta de planejamento qualitativo, mas sim de pressões sociais e barganhas políticas diversas.

Portanto, um desenfreado aumento de vagas causa também uma queda na qualidade do ensino ofertado. Acarretando em condições inadequadas de estrutura e recursos para a sustentação dos cursos, impossibilitando a aprendizagem significativa.

Dessa forma, as instituições são munidas de uma tarefa nada fácil, conciliar e tentar alcançar o ensino de qualidade, mesmo com a falta de investimentos planejados na educação. Assim, chegamos nas instituições de hoje, que tem que usar de diversas artimanhas



590

para promover uma aprendizagem que almeje sujeitos pensantes e que perpassa do ensino puramente mercadológico, que constitui e contribui com a ideologia neoliberal.

Sobre a escola de hoje e as metodologias educativas temos que:

A escola de hoje precisa propor respostas educativas e metodológicas em relação a novas exigências de formação postas pelas realidades contemporâneas com a capacitação tecnológica, a diversidade cultural, a alfabetização tecnológica, a superinformação, o relativismo ético, a consciência ecológica. Pensar num sistema de formação de professores supõe, portanto, reavaliar objetivos, conteúdos, métodos, formas de organização do ensino, diante da realidade em transformação. (LIBÂNEO, 2000, p.80, 81).

Fica clara a constante transformação da sociedade e evidentemente da educação.

Sendo a universidade uma instituição de caráter social, ela assume papel fundamental para preparar os sujeitos para lidar com os obstáculos impostos pela parcela menor da sociedade, esta que não se interessa pelo crescimento do conhecimento assertivo e crítico. “Mas além de fazer prevalecer suas ideias, a classe dominante ainda tenta, através do poder de sua ideologia, fazer crer a todos que suas ideias são ideias da nação. Não seria interessante dizer a verdade” Freire; Faundez (2011, p.129).

Neste aspecto, as classes dominantes que pretendem continuar como tal, fazem uso do saber “transmitido” nas instituições de ensino como “armas” para enraizarem suas “verdades” nos indivíduos. Muitas vezes, o resultado são cidadãos conformados com sua condição de vida, crédulos que sua posição social é resultante de seu não esforço ou fracasso escolar. Assim, o sistema centralizado de poder mantém o ciclo em que as classes subalternas são dominadas, e a “elite” são os dominantes.

Portanto, o ideal em uma universidade é que ela assuma caráter social, democrático e autônomo. O que deveria ser firmado, mas que infelizmente está perdendo forças diante de tanta pressão social.

Em relação a universidade Luckesi (2000, p.39) afirma que:

Não queremos uma universidade desvinculada, alheia à realidade onde está plantada, simplesmente como parasita ou um quisto. Ser alheia, desvinculada ou descomprometida com a realidade é sinônimo de fazer coisas, executar ensino, onde o conteúdo como a forma não dizem respeito a um espaço geográfico e a um momento histórico concretos.

A universidade é formadora de sujeitos pensantes e capazes de modificar a



591

realidade. Assim, conseqüentemente ela se torna alvo do capitalismo para que se alie ao mercado e a produção, deixando em alguns casos o ensino de qualidade, pesquisa e extensão extintos da sua função.

Afirmando a importância desse tripé, Luckesi (2000) relata que não queremos uma universidade-escola, onde exista somente ensino, que não haja campo, abertura e infraestrutura que permitam e incentivem a pesquisa. Essa instituição não deve ser chamada de universidade.

Considerando essas assertivas observações do autor constatamos que uma universidade para se constituir como tal, assumir de fato sua função social, depende indiscutivelmente dos profissionais que nela desenvolve suas ações. Desta forma, o professor precisa incumbir-se de mediar os futuros profissionais, assim como aprimorar seu próprio conhecimento viabilizado pela formação contínua.

### **Constituição do professor reflexivo**

Iniciamos com a compreensão de que a formação de um indivíduo se inicia não na escola, como muitos acreditam, mas que sim, desde o nascimento estamos inseridos em um meio social que nos proporciona aprendizados, e deste modo, estamos em constante formação.

Para fomentar esse discurso consideramos Libâneo (2010), para o autor a educação está dividida em duas modalidades: não-intencional (informal e não-formal) e formal (ensino convencional: escolas). Assim, fica evidente que a educação perdura em nossas vidas, e que os indivíduos de forma geral são responsáveis pela transmissão de conhecimentos, sejam eles, informais ou formais.

“Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação” Brandão (2007, p.7). Neste trecho, retirado do livro de Carlos Rodrigues Brandão “O que é educação?”, reforçamos o que já vem sendo discutido. A vida está diretamente ligada à aprendizagem, como o próprio autor considera, ninguém escapa da educação, ela está presente em nosso cotidiano, desde os saberes transmitidos de geração a geração, até as instruções recebidas na escola em todos os níveis de ensino. Nossa vida está misturada com a educação, as pequenas atitudes do dia a dia são motivadas por ensinamentos e influências, mesmo que essas sejam imperceptíveis.



592

Cabe aos futuros educadores estarem atentos, pois existe a face da educação que é usada como recurso de dominação: “Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos” Brandão (2007, p. 10).

Na verdade, é impossível pensar esta questão, a da cultura, muito menos equacioná-la, fora de uma perspectiva de classe, sem referência ao poder de classe. É em função deste poder de classe que a cultura hegemônica, expressando a forma de estar sendo de classe dominante, se entende a si mesma como a única, a válida, a expressão real, enfim, da nação. (FREIRE; FAUNDEZ, 2011, p. 128, 129)

Assim, temos a confirmação dessa reflexão acerca das classes dominantes. E consideramos as imposições como verdade absoluta, e pior, uma cultura única como expressão real da nação.

E ainda: “Mas além de fazer prevalecer suas ideias, a classe dominante ainda tenta, através do poder de sua ideologia, fazer crer a todos que suas ideias são ideias da nação. Não seria interessante dizer a verdade” Freire; Faundez (2011, p.129).

Diante dessas considerações reforçamos o papel primordial do professor, este como sendo capaz, não de modificar essa realidade, mas como alguém que poderá sim contribuir para a formação de cidadãos críticos e com autonomia.

Complementando Silva (2007, p. 27) afirma que:

Antes mesmo do ingresso em um curso de formação básica para o exercício de sua função, o futuro professor passou por experiências socializadoras no contexto familiar, escolar e de todas as demais estruturas em que participa, as quais fazem parte de sua trajetória e, inevitavelmente, contribuem para construção de noções sobre o que é ser professor, sobre sua função social destinada ao professor.

Portanto, a consciência do papel do professor também é constituída no mesmo, ao longo de sua trajetória. As experiências socializadoras do contexto familiar, escolar e as demais contribuem para essa construção. Desta forma, ao imaginarmos que a educação escolar recebida por ele não se diferenciou dos demais, acreditamos que o educador reproduzirá uma atitude de igualdade ao que foi aprendido por ele, ou seja, continuaremos no ciclo vicioso imposto pela classe dominante.

A intencionalidade implica perguntas como: quem e por que se educa, para que



593

objetivos se educa, quais os meios adequados de se educar. A intencionalidade é, portanto, a dimensão ética e normativa da prática educativa, pela qual todos os tipos de educadores envolvem-se moralmente no trabalho que realiza. (LIBÂNEO, 2000, p.56)

Pensamos agora na formação acadêmica do futuro educador. Na atualidade precisamos de educadores conscientes de seu papel e com o intuito de formar cidadãos críticos e reflexivos. Para tanto, as universidades devem dedicar-se a preencher a lacuna da educação precária recebida até então. Espera-se que os docentes formadores de educadores tragam consigo um conceito diferenciado de educação, para formar desta maneira, profissionais não alienados. “A transformação da prática dos professores deve se dar, pois, numa perspectiva crítica.” Pimenta, Ghedin (2012, p.28)

Quanto a preparação e instrução do professor, tanto daquele docente e discente da universidade, tanto do docente desde a educação infantil, espera-se e faz necessário segundo Libâneo (2000, p.10 e 11):

É preciso resgatar a profissionalidade do professor, reconfigurar as características de sua profissão na busca da identidade profissional. (...) o intercâmbio entre formação inicial e formação continuada, de maneira que a formação dos futuros professores se nutra das demandas da prática e que os professores em exercício frequentem a universidade para discussão e análise de problemas concretos da prática.

Consideremos também que vivemos em uma sociedade em constante modificação política, social, cultural, tecnológica e econômica. O professor mais uma vez, tem um desafio e precisará se inteirar e conseguir com práticas atuais despertar no aluno o interesse pelo aprendizado oferecido nas instituições.

O conhecimento prático por si só não consegue atender adequadamente as demandas diversificadas do ensino, pois surgem novas situações que exigem novas posturas “exigindo uma busca, uma análise, uma contextualização, possíveis explicações, uma compreensão de suas origens, uma problematização, um diálogo com outras perspectivas, uma apropriação de teorias sobre o problema, uma investigação, enfim.” Pimenta, Ghedin (2012, p.23). Esse movimento é denominado reflexão sobre a reflexão na ação.

Assim, temos uma prática refletida, e não meramente uma reprodução de práticas anteriores que já contribuíram



594

positivamente em outra realidade. Nesta perspectiva é importante que seja tomado todo o processo investigativo para alcançar uma nova prática refletida, sendo continuo esse movimento de diálogo e investigação.

Nestes termos, todo corpo universitário, professores - alunos – administração, precisa comprometer-se com a reflexão, criando-a, provocando-a, permitindo-a e lutando continuamente para conquistar espaços de liberdade que assegurem a reflexão. Sem um mínimo de condição de liberdade, é impossível uma universidade centro de reflexão crítica. (LUCKESI, 2000, p. 41)

Para tanto, os professores devem instigar os alunos para promover a reflexão crítica, podendo ser ela, um dos caminhos possíveis para que se alcance, mesmo que em um longo prazo, a liberdade para expressar e externar os conhecimentos, sem qualquer repressão.

Esperamos de forma igualitária que os discentes possibilitem e participem dos diálogos, para que se efetive o ciclo de aprendizagem viabilizado pela reflexão.

### **Considerações finais**

Com base nos estudos o presente artigo demonstrou que a educação informal ou formal exige da sociedade uma postura diferenciada. E que essa questão mercadológica e seletiva do ensino não é fruto da atualidade, mas sim, reflexo de um contexto histórico, cultural e social. Foi possível perceber a forte interferência exercida pelo interesse capitalista. Mediante barganhas políticas os sujeitos já favorecidos lutam para se manter no topo das classes.

Contrapondo ao mencionado, temos a universidade, vista aqui como instituição de ensino, pesquisa e extensão, efetivando assim, seu caráter social. E é nessa perspectiva que enfatizamos que a universidade tem papel primordial para formação de sujeitos pensantes, críticos. O docente mediador é o ator acadêmico, não sendo os alunos apenas coadjuvantes, mas sim, participantes ativos nos diálogos para que haja de fato a reflexão.

Concluimos que o ensino de qualidade perpassa a aplicação de conteúdos, e que não basta apenas adentrar no ambiente universidade. A aprendizagem teórica e prática, na verdade, demanda investigação, ou seja, reflexão.

### **Referências**



595

ALMEIDA, Maria Isabel de. As transformações na universidade contemporânea. In: \_\_\_\_\_. **Formação do professor do Ensino Superior: desafios e políticas institucionais**. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção docência em formação: Ensino Superior / coordenação Selma Garrido Pimenta).

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis. RJ: Vozes 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (coleção Primeiros Passos; 20).

DOURADO, Luiz Fernandes. **A interiorização do Ensino Superior e a privatização do público**. – Goiânia: Ed. UFG, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 4 ed. – São Paulo : Cortez, 2000. – (Coleção Questões da Nossa época; v.6).

LUCKESI, Carlos Sipriano. [et. al]. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. GHEDIN, Evandro (Orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, Luizana Rocha Migueis Ferreira da. **A socialização de professores na formação básica: relações entre modos de constituição de grupos e manifestações de graduandos sobre a função docente**. São Paulo: PUC, 2007. 144p.